

DESENVOLVER OS LETRAMENTOS PARA PROMOVER A AUTONOMIA SOCIAL¹

DESARROLLAR ALFABETIZACIONES PARA PROMOVER LA AUTONOMÍA SOCIAL

Juliana Trindade ²

Resumo: Este artigo discorre sobre os impactos dos letramentos na vida dos sujeitos. A partir da análise de situações vivenciadas pelo personagem Fabiano, na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, apontamos limitações associadas ao analfabetismo e a importância dos letramentos para a autonomia e a atuação social dos sujeitos. Para tanto, dialogamos com autores como Paulo Freire, Magda Soares, Angela Kleiman, Roxane Rojo e com dados divulgados pelo Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf (2018). Trata-se de uma pesquisa básica, de cunho bibliográfico e documental. Este estudo se justifica pelos altos índices de analfabetismo funcional que se evidenciam entre a população brasileira e pelo papel da escola em promover mudanças nesse cenário. Nesse sentido, abordar o tema pode contribuir para suscitar reflexões acerca das práticas docentes em língua materna, de modo a promover a ampliação de horizontes sociais.

Palavras-chave: Letramentos. Alfabetismo. Analfabetismo funcional. Autonomia social.

Resumen: Este artículo analiza los impactos de la alfabetización en la vida de las personas. A partir del análisis de situaciones vividas por el personaje, en la obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, señalamos limitaciones asociadas al analfabetismo y la importancia de la alfabetización para la autonomía y el desempeño social de los sujetos. Para ello, dialogamos con autores como Paulo Freire, Magda Soares, Angela Kleiman, Roxane Rojo y con datos divulgados por el Indicador Funcional de Alfabetización - Inaf 2018. Se trata de una investigación básica, de carácter bibliográfico y documental. Este estudio se justifica por las altas tasas de analfabetismo funcional que se evidencian entre la población brasileña y por el papel de las escuelas en la promoción de cambios en ese escenario. En este sentido, abordar el tem puede contribuir a suscitar reflexiones sobre las prácticas de enseñanza en la lengua materna, con el fin de promover la ampliación de horizontes sociales.

Palabras-clave: Alfabetizaciones. Alfabetización. Analfabetismo funcional. Autonomía social.

1 Introdução

Embora não seja uma novidade, os estudos dos letramentos seguem sendo um tema muito atual e suscitando reflexões acerca das contribuições da escola – e dos professores – para o desenvolvimento de competências requeridas por uma sociedade cada vez mais plural, mais tecnológica e em que as interações implicam conhecimentos para além da escrita. Bem sabemos que atividades de leitura e produção de textos – pilares dos letramentos – deveriam

¹Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão de curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade de Passo Fundo, sob orientação da profa. Dra. Luciana Maria Crestani.

² Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol. E-mail: 135418@upf.br

ser exploradas em todos os componentes curriculares, já que cada disciplina tem suas particularidades e nenhuma delas prescinde da leitura e da escrita, mas é a cargo do professor de Língua Portuguesa que, em geral, ficam essas tarefas. Nesse sentido, como futuros docentes da área de Letras, é essencial que tenhamos compreensão acerca dos letramentos, entendendo como eles impactam na vida dos sujeitos. Isso pode auxiliar a repensarmos nossas práticas, refletindo acerca da direção e do sentido que damos a elas e como elas podem promover (ou não) avanços em termos de letramentos.

A leitura da obra *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, foi o propulsor desta pesquisa. Trata-se de um livro escrito em 1938, que retrata a saga de uma família do sertão nordestino, cujo personagem principal é Fabiano, o pai da família que sofre limitações de diferentes ordens associadas à pobreza e ao analfabetismo. Embora o livro tenha sido publicado há 85 anos, retratando realidades da época, ainda há muitos “Fabianos” nos dias atuais. Pesquisas sobre o grau de alfabetismo dos brasileiros mostram que o cenário ao longo dos tempos vem se alterando, mas ainda há um longo caminho a serem trilhado para erradicar o analfabetismo e, em especial, para alcançar graus de letramento que possibilitem maior autonomia social aos sujeitos.

Nesse contexto, o estudo ora em pauta tem como objetivo geral compreender como os letramentos (e a ausência deles) impactam na vida social dos sujeitos. Para alcançá-lo, desdobramos alguns objetivos específicos: a) compreender diferenças e aproximações entre alfabetização e letramento; b) conhecer dados sobre alfabetismo/ letramento da população brasileira; c) analisar limitações associadas ao analfabetismo a partir da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; d) refletir acerca do impacto dos letramentos sobre a autonomia e a liberdade dos sujeitos.

Para tanto, buscamos embasamento teórico em autores que discorrem sobre os letramentos, como Soares (2004), Rojo (2009), Kleiman (2001), Pereira (2017). Também exploramos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – Inaf³ e dialogamos com a obra de Graciliano Ramos, explicitando limitações associadas à condição de analfabeto do personagem principal e refletindo acerca da importância dos letramentos para alterar realidades análogas.

Trata-se, então, de uma pesquisa básica, de cunho bibliográfico e documental, que vem assim organizada: primeiramente, discorreremos sobre alfabetização e letramento,

³ O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) é uma iniciativa de medição do alfabetismo da população brasileira, criado e implementado pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa. Neste estudo, tomamos como base o relatório de 2018, o último a que tivemos acesso até a conclusão deste trabalho.

associados às práticas sociais; num segundo momento, exploramos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, observando os graus de letramento estipulados na pesquisa e os resultados apontados na última pesquisa realizada; após, a partir de recortes de trechos da obra *Vidas Secas*, buscamos apontar as limitações e dificuldades associadas ao analfabetismo e, por fim, destacar a importância dos letramentos na vida dos sujeitos.

2 Da alfabetização ao letramento

Conforme Freire (1981), “Alfabetização é a aquisição das habilidades de leitura e escrita através de um processo de construção do conhecimento, sobre a realidade do mundo”. A alfabetização é um processo pelo qual o indivíduo aprende a utilizar, a interpretar e a produzir textos verbais, voltado ao reconhecimento (codificação e decodificação) dos símbolos e dos códigos da linguagem verbal, e pressupõe a compreensão do princípio alfabético e ortográfico indispensável para a comunicação numa sociedade letrada que exige o domínio da leitura e da escrita.

Embora algumas vertentes tomem alfabetização como sinônimo de letramento, entendendo-a como processo contínuo de aprendizagem, neste estudo entendemos alfabetização como uma parte essencial do letramento, mas não como sinônimo dele, posto que letramento é um processo amplo, que implica muitos outros conhecimentos associados às práticas sociais e construídos ao longo da vida, dentro e fora da escola.

Paulo Freire (1981), ao discorrer sobre a alfabetização, tecia críticas ao “descolamento” desta das práticas sociais. Segundo ele, a alfabetização se dá de forma mecanizada e desassociada da realidade dos sujeitos, dos contextos de uso dos textos. Assim, embora não usasse o termo letramento (que somente foi cunhado na década de 1980), Freire já propunha uma perspectiva mais contextualizada e ampla do processo de alfabetização, englobando aprendizados associados às práticas sociais, que considerassem o contexto dos sujeitos e dele partissem, ajudando-os a participarem de práticas letradas situadas. Freire propunha que a alfabetização se voltasse à capacidade dos sujeitos de compreender e de escrever/dizer a sua própria história, ou seja, da alfabetização a serviço do desenvolvimento dos sujeitos para compreensão e participação da vida social.

Essa concepção vai ao encontro dos estudos dos letramentos, que relacionam o termo aos usos, às práticas de leitura e escrita no contexto social ao qual o indivíduo está inserido.

Nisso está implicada a compreensão e a produção de textos abordados no dia a dia, buscando desenvolver maior autonomia para as/nas práticas sociais (Soares, 2004).

Segundo Soares (2004, p. 6), o letramento surgiu na década de 1980, em diferentes países (EUA, França, Portugal, Inglaterra) para “nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização”. O termo surgiu associado a pesquisas que apontavam dificuldades de sujeitos alfabetizados – que já haviam concluído a educação básica - em fazerem uso da leitura e da escrita em práticas sociais. Aqui no Brasil, o termo também se instaurou na década de 1980, mas acabou mesclando-se e confundindo-se com o termo alfabetização, embora, segundo a autora, a alfabetização seja apenas uma parte – essencial, por certo – dos letramentos, mais amplos e abrangentes. A partir dos anos 80 então, começaram a se operacionalizar e desenvolver estudos sobre níveis de competência de leitura e de escrita da população. Além disso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) ampliou essa pesquisa, para medir também a capacidade de interpretação dos indivíduos.

Seguindo esse mesmo pensamento, Oliveira (2019) diz que o letramento pode ser definido como um conjunto de práticas sociais que utilizam da escrita e dos símbolos em contextos específicos e para objetivos próprios em variados âmbitos de atuação e formas de participação dos sujeitos na sociedade. Assim, no ensino e na aprendizagem precisam ser levados em conta os aspectos sociais da língua escrita. Através do letramento é possível obter informações de leituras de diferentes gêneros textuais, buscar a leitura para seguir certas instruções e usar a leitura e a escrita para se orientar e agir no mundo.

É preciso ressaltar que não há um conceito único de letramento, posto que autores diferentes definem esse termo de forma diferente ou cunham um termo novo a partir do enfoque que dão aos seus estudos. Neste trabalho, optamos por utilizar o conceito proposto por Soares (2004), que define letramento como o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais que usam a leitura e escrita. Compreende-se que o letramento é um processo que vai além do domínio dos códigos, da codificação e decodificação de fonemas e grafemas, sendo um processo contínuo nas relações sociais. Além disso, perpassa as práticas orais e escritas de uma sociedade, implicando outros códigos, signos, formas imbricadas no conhecimento de mundo que constituem a cultura chamada letrada. Não podemos deixar de falar que a alfabetização e o letramento se mesclam e frequentemente se confundem, por serem indissociáveis (Soares, 2004), uma vez que a alfabetização é um processo essencial para que os sujeitos possam avançar graus de letramento e, assim, melhor compreender e atuar no mundo em que se insere.

O termo letramento passou a ser utilizado no plural porque engloba as diferentes práticas de leitura e escrita aplicadas em contextos específicos. Por exemplo, existem vários tipos de letramentos: linguísticos, literários, acadêmicos, digitais, científicos, matemáticos/financeiros, midiáticos, entre outros. Cada tipo de letramento envolve habilidades de leitura e produção de textos adaptadas às necessidades e demandas do contexto particular, como ler um gráfico, um mapa, uma placa de trânsito, procurar o significado de uma palavra no dicionário etc. Ou seja, se o indivíduo não souber fazer essa leitura dos códigos do mundo, isso limita ainda mais a sua vida. Então ser um indivíduo letrado é ter o conhecimento dos mais variados letramentos e fazer o uso deles no dia a dia (Rojo, 2009).

Crestani, Cayser e Amarante citam um exemplo dos letramentos exigidos para utilização do aplicativo WhatsApp. Segundo as autoras, fazer uso dessa ferramenta implica

[...] a utilização de linguagem verbal (escrita ou falada) e não verbal, a qual inclui os emojis, os símbolos que sinalizam se a mensagem foi ou não enviada e recebida, os ícones que indicam a possibilidade de anexar arquivos, de enviar mensagem de voz, etc. Por certo, esses símbolos próprios da tecnologia do suporte e dessa forma de interação passam despercebidos a quem já tem familiaridade com eles, mas impõem limites à comunicação se um dos sujeitos envolvidos na interação não os domina (2018, p. 32).

Associado aos letramentos surgiu o termo numeramento, compreendendo o uso dos números e operações matemáticas nas práticas cotidianas. Ter conhecimento sobre numeramento é diferente de ser alfabetizado em matemática. A concepção segue a mesma linha do conceito de alfabetização e letramento, entendendo-os como processos que se complementam mas são práticas diferentes, pois a alfabetização matemática diz respeito ao conhecimento (que se dá por meio do ensino e aprendizagem) dos números e operações matemáticas, já o numeramento é o processo social em que o indivíduo utiliza desse conhecimento em sua vida cotidiana (Fonseca, 2007).

Tal aspecto é importante ao nosso estudo, porque, como se verá adiante, o Inaf volta seu interesse também ao grau de numeramento da população brasileira, posto que a falta dessa condição acarreta muitas dificuldades à vida dos sujeitos. Também na obra *Vidas Secas*, o autor aponta situações marcantes acerca dessa limitação.

Voltamos, então, o olhar às pesquisas realizadas pelo Inaf sobre graus de alfabetismo/letramento da população brasileira.

3 Amostragem dos graus de letramento da população brasileira

Na década de 1990, seguindo recomendações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a divulgar uma pesquisa além dos índices de alfabetismo, também sobre os índices de analfabetismo funcional, tomando como base não a autoavaliação dos respondentes, mas o número de séries escolares concluídas (IBGE, 2001). A partir disso, declararam, pelo critério adotado, que todos os indivíduos com menos de quatro anos de escolaridade são considerados analfabetos funcionais. Em 1999, esse índice era de 29%, entre pessoas de 15 anos ou mais.

Em 2001, a Organização Não-Governamental Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro desenvolveram (e vêm realizando) um estudo para medir os níveis de alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos. Desde então foi criado o Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf. Os dados são levantados a partir de uma entrevista aplicada a sujeitos entre 15 e 64 anos de idade, oriundos de zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país, constituindo uma amostragem de 2.002 pessoas. As entrevistas são realizadas presencialmente, em domicílio, a partir de dados populacionais do IBGE, seguindo critérios de idade, sexo, escolaridade e condição de moradia (Inaf, 2018).

Na entrevista, é feita a aplicação de um teste cognitivo composto por 32 itens, que abordam situações cotidianas. São avaliadas duas dimensões do alfabetismo: a dos textos verbais de diversos gêneros, como bilhetes, notícias, instruções e textos narrativos; e a dos textos numéricos, que contêm gráficos, tabelas, mapas, folhetos de ofertas do comércio, entre outros. Segundo o Inaf, essas duas dimensões são designadas respectivamente como letramento e numeramento (Inaf, 2018). Tais pesquisas contribuem para avaliar o nível de alfabetismo funcional da população, identificar desafios e necessidades educacionais e direcionar políticas públicas para melhorar a educação e a capacitação dos profissionais que nela atuam.

O Inaf adota cinco graus, ou níveis de alfabetismo/letramento, para classificar os sujeitos entrevistados. São eles: analfabetismo pleno, alfabetismo rudimentar, alfabetismo elementar, alfabetismo intermediário e alfabetismo proficiente. Os analfabetos plenos são aqueles que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura e a escrita de palavras simples, não conseguem formular frases e apenas conseguem identificar números familiares, tais como número de telefone e preço. Os alfabetizados em nível rudimentar são aqueles que localizam algumas informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples, como calendários, cartazes e tabelas. Também comparam, leem e escrevem números familiares, identificam cédulas e moedas; resolvem problemas matemáticos simples com ou sem calculadora; reconhecem alguns sinais de pontuação mais comuns no cotidiano,

como vírgula, exclamação, interrogação etc. Esses dois níveis - analfabetos plenos e alfabetizados rudimentares - são considerados analfabetos funcionais. Já os demais níveis de alfabetismo: elementar, intermediário e proficiente são considerados indivíduos funcionalmente alfabetizados.

Conforme o relatório do Inaf de 2018, o alfabetismo no Brasil teve uma evolução. Durante um período de 17 anos, pesquisas mostraram uma significativa redução do número de analfabetos plenos na população brasileira, caindo de 12%, em 2001/2002, para 4%, em 2015. Na edição de 2018, no entanto, houve aumento de sujeitos analfabetos, passando para 8% .

Houve também, ao longo dos anos, uma redução da proporção de brasileiros no nível de alfabetismo rudimentar, que são pessoas que fazem um uso limitado da leitura, da escrita e das operações matemáticas em tarefas dia a dia, caindo de 27%, em 2001/2002 para um patamar estabilizado de pouco mais de 20% desde 2009.

Esse importante avanço indica que o Brasil teve uma redução de 14,5 milhões de analfabetos funcionais em 2018, uma redução significativa. Por outro lado, chama a atenção que a proporção de alfabetizados em nível proficiente permanece estagnada em 12%, desde o início das pesquisas do Inaf, ou seja, apenas 17,4 milhões dos 144,7 milhões de brasileiros entre 15 e 64 anos, têm nível de alfabetização proficiente, dados que geram muitas incertezas em relação à eficiência da educação formal/escolar.

O Inaf também traça um perfil demográfico por faixa etária e raça/cor/etnia. As análises da faixa etária revelam que os mais jovens têm nível de alfabetismo funcional significativamente superior ao dos segmentos de idades mais avançadas, um reflexo de políticas educacionais de expansão do atendimento na Educação Básica de crianças e adolescentes nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, ficam evidentes os fracos resultados das políticas educacionais voltadas aos adultos. A pesquisa demonstrou que 54% dos entrevistados com idade entre 50 e 64 anos, são analfabetos funcionais.

Em relação à raça/cor/etnia, os níveis de alfabetismo entre os grupos étnico-raciais que compõem a população brasileira refletem a desigualdade educacional que marca a educação do país desde a colonização: a população negra - pretos e pardos – é a maioria e tem a menor escolaridade, em relação aos brancos. O Inaf confirma dados verificados pelos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Dentre as pessoas que se autodeclararam brancas, 15% têm no máximo quatro anos de escolaridade; já entre os que se declaram pardos e pretos essa proporção é, respectivamente, de 21% e 25%. Essas desigualdades explicam em parte a diferença nos níveis de alfabetismo entre os grupos raciais no Brasil e confirmam a desigualdade racial imbricada na nossa sociedade.

Ademais, as análises por região evidenciam diferenças significativas entre as regiões brasileiras, também correlacionadas à escolaridade. O Nordeste é a região com maior porcentagem de analfabetos funcionais: 13% são analfabetos plenos e 29% estão no nível rudimentar. Somados, esses índices apontam 42% da população do Nordeste em condição de analfabetismo funcional.

Em contrapartida, as regiões Sul e Sudeste são as que possuem menores índices de analfabetismo funcional e maiores índices de proficiência. Na região Sudeste, apenas 21% são analfabetos funcionais e 15% são proficientes; na região Sul, 28% são analfabetos funcionais e 15% de proficientes.

Como se vê, embora os dados venham apontando uma crescente nos índices de alfabetismo/letramento ao longo dos anos, ainda há muito a melhorar, posto que, segundo o relatório de 2018, 29% da população está na condição de analfabetismo funcional (sendo 8% de analfabetos e 22 % no grau rudimentar). Isso significa que 1 em cada 3 brasileiros é considerado analfabeto funcional.

Conforme Kleiman (2001), no Brasil, esse novo enfoque teórico dos letramentos, que privilegia as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, vem em contraposição ao ensino tradicional dos estudos sobre a aprendizagem de habilidades ensinadas nas escolas e busca a melhoria dos índices de alfabetismo. De fato, é esse o termo mais adotado no ambiente acadêmico e educacional brasileiro, seja para designar propostas pedagógicas que privilegiam a aprendizagem da escrita em contextos de uso, como no campo da pesquisa, principalmente nas de cunho etnográfico ou qualitativo de forma geral, mas também em processos avaliativos, como os de larga escala aplicados aos diferentes níveis da educação básica (Soares, 2004).

4 Das limitações associadas ao analfabetismo: diálogo com a obra *Vidas Secas*

Dentre as muitas contribuições da literatura destacamos, neste trabalho, o papel de promover a compreensão de realidades que nos são alheias e denunciar aspectos que precisam ser modificados. Ela permite conhecer diferentes culturas, épocas e perspectivas, proporcionando janelas para o mundo e expandindo nossa capacidade de interpretação em relação aos outros.

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um exemplo marcante de como a literatura pode ajudar a vislumbrar realidades diversas. Através da narrativa, os leitores são imersos em um universo de pobreza, privações, sofrimento, luta pela sobrevivência e a falta

de acesso à educação. A obra mostra uma realidade completamente distinta daquela com a qual muitos de nós estamos familiarizados e desperta reflexões sobre desigualdade social, injustiça, resiliência e a força do ser humano diante das adversidades. Nesse mesmo sentido, retrata, com exposição e propriedade, as limitações e dificuldades decorrentes do não saber ler e escrever, assim como da falta dessas habilidades para poder expressar-se e defender-se da exploração e das injustiças.

Foi em decorrência da leitura da obra que, como já reportamos na introdução, configurou-se o interesse por este estudo. Bem sabemos que o letramento está intimamente associado a condições sócio-econômico-culturais que abrem e fecham portas, mas é certo que se configura como ferramenta capaz de ampliar horizontes de participação social, o que aumenta a nossa responsabilidade enquanto docentes.

Como argumenta Barros (2007), essa obra é uma forma inesgotável de compreensão dos problemas sociais brasileiros, da época e também atuais, pois reporta limitações associadas ao analfabetismo e traz importantes contribuições sobre as condições de vida de muitos brasileiros ainda hoje. Assim, buscamos dialogar com ela, apontando trechos em que se explicitam as dificuldades enfrentadas pelo personagem principal Fabiano em decorrência de sua condição de analfabeto ao mesmo tempo em que tecemos analogias com dados da realidade atual. Iniciamos o percurso discorrendo brevemente sobre o autor e o enredo da obra.

Graciliano Ramos nasceu na cidade de Quebrangulo, estado de Alagoas, no dia 27 de outubro de 1892. O autor migrou para diversas cidades do nordeste do Brasil com sua família no decorrer dos primeiros anos da infância. *Vidas Secas* foi o quarto romance de Graciliano, que trabalhou como jornalista no Correio da Manhã, no Rio de Janeiro. Em março de 1936, ele foi preso devido a uma acusação de ser militante de esquerda. No período em que ficou detido, refletiu sobre questões políticas e sociais e escreveu o primeiro texto, Baleia, que deu origem ao livro *Vidas Secas* (Marques, 2020).

Vidas Secas é a história de uma família de sertanejos, constituída por Fabiano, sinhá Vitória, o Menino mais velho, o Menino mais novo, a cachorra Baleia e a caminhada que fazem pelo sertão do nordeste, fugindo das piores condições de vida. O livro traz à tona uma realidade brasileira, enfatizando, na narração, a seca nordestina, a miséria, a fome e a desigualdade (Ramos, 2005). Ao longo da história, o livro relata a condição de vida de uma família em que todos os membros são analfabetos, evidencia as privações sofridas por aqueles que ficaram de fora das escolas e sofrem com a exploração, com a pobreza e outras mazelas associadas à condição de analfabeto, como a obediência e a impossibilidade de questionar.

Nessa história, fica explícito quem são os sujeitos que possuem “educação” e os que não possuem, quem manda e quem simplesmente obedece porque precisa sobreviver. Não por acaso, os que obedecem são também aqueles que ficaram sem o básico da educação para que um sujeito possa ao menos se defender e ter o direito à cidadania.

A obra configura-se, desse modo, como um alerta e uma crítica às condições sociais e do analfabetismo existente naquela época, que era de 62% entre as pessoas pobres, negras e que residiam na zona rural. Tal crítica se materializa no personagem Fabiano, o pai de família analfabeto absoluto, animalizado e com caráter bruto e ignorante por não saber usar as palavras (Pereira, 2017). De fato, a realidade do analfabetismo ainda cerca muitos brasileiros, mesmo passados 85 anos da publicação do romance. A região Nordeste, segundo relatório do Inaf de 2018, apresenta um índice de 42% de analfabetos funcionais, sendo 13% na condição de analfabetos plenos e 29% em nível rudimentar. Nas outras regiões, embora com números menos gritantes, o analfabetismo pleno também ecoa, limitando a vida de muitos sujeitos. Lembramos que o Inaf considera analfabeto funcional os analfabetos plenos e os em grau rudimentar, configurando-se um contingente de 29% da população brasileira nesses dois níveis. Embora a obra *Vidas Secas* retrate a condição de Fabiano como sendo de analfabetismo pleno, limitações similares se impõem aos que possuem grau rudimentar de letramento, interferindo, por exemplo, na conquista de empregos, nas interações com os outros, nas práticas do dia a dia.

A seguir, trazemos alguns trechos da narrativa, em que Fabiano não consegue se comunicar e isso lhe traz muitos problemas, mesmo em situações simples, do dia a dia, mas que se tornam difíceis para ele.

Em uma “quase” conversa com um dos meninos, Fabiano não consegue dialogar e entender o que o filho precisava, por isso o repreendeu para que não lhe perguntasse mais:

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado:

— Esses capetas têm ideias... (Ramos, 2005, p. 9).

O trecho mostra a incompreensão e a decorrente limitação na interação entre os sujeitos, dado o fato de que o analfabetismo afeta a capacidade de expressão. É certo que na medida em que se ampliam conhecimentos acerca das linguagens também se ampliam habilidades de compreensão, abstração e expressão de ideias. Os graus de letramento do Inaf

se estabelecem com base nessas competências e habilidades. Assim, se Fabiano fosse alfabetizado, poderia ter uma comunicação mais eficaz com seus filhos e atender às suas necessidades de maneira mais adequada. Outro aspecto presente no trecho acima é a vergonha pela consciência de não entender, afinal Fabiano “Repeliu-o, vexado”. A baixa autoestima e a insegurança são sentimentos comuns a muitos analfabetos.

Em outro trecho, quando o patrão de Fabiano chega à fazenda e lhe humilha sem razão, ele nem ao menos tenta se defender, pois não consegue usar das palavras. Entretanto, pensa em seu Tomás da bolandeira, a quem todos obedeciam.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convenciam-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo. Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele.

- Ah! Quem disse que não obedeciam? (Ramos, 2005, p. 9)

Novamente as limitações pela incapacidade de expressão vêm marcadas nesse trecho. Como o excerto demonstra, seu Tomás era sujeito letrado, que fazia uso da leitura em suas práticas diárias, por isso todos obedeciam a ele. Ser letrado dá poder de influência sobre as pessoas, poder de persuasão para conseguir o que se deseja: “não sabia mandar: pedia”. Fabiano tem a consciência de que lhe falta estudo e de que ser letrado poderia, em alguma medida, modificar sua situação de opressão. Obviamente, na época em que a obra foi escrita, em que o número de pessoas alfabetizadas era muito menor, as competências letradas impingiam ainda mais reconhecimento aos sujeitos. Ainda hoje essa realidade se repete, em geral sujeitos com capacidade de leitura, de compreensão e de expressão assumem papéis mais importantes nas práticas sociais do que aqueles que não possuem essas habilidades.

No trecho que segue, mostra-se a insegurança de Fabiano e as desconfianças deflagradas por ele não conhecer o valor do dinheiro e as unidades de medida.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás. (Ramos, 2005, p. 12)

Evidenciam-se, nesse excerto, limitações associadas ao numeramento, a ausência de habilidades para lidar com dinheiro ou fazer cálculos. Essa limitação afeta diariamente

milhões de pessoas que não reconhecem o valor do dinheiro ou não conseguem fazer operações matemáticas básicas necessárias no dia a dia. Isso também explica as altas taxas de endividamento dos brasileiros, posto que não saber fazer cálculos de juros, por exemplo, pode acarretar dificuldades de controle do orçamento.

Em outro trecho do livro, seu Inácio, dono do bar, enganava Fabiano colocando água na bebida e na querosene. Essa passagem mostra a ação de pessoas mal intencionadas que se aproveitam da condição limitada de outras. Seu Inácio é mais um exemplo das adversidades e da exploração que Fabiano sofre por sua condição de iletrado. Veja-se o trecho:

— Por que é que vossemecê bota água em tudo? Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria? (Ramos, 2005, p. 12):

Ainda no trecho acima fica evidente o cerceamento de direitos sofrido pelos sujeitos em condição de analfabetismo. Na época em que a obra foi publicada pela primeira vez (1938) os analfabetos não podiam votar, direito esse adquirido apenas em 1985, na primeira eleição após a ditadura militar. Embora esse direito lhes seja, desde então, garantido, há muitas outras barreiras que acabam marginalizando os analfabetos funcionais. Matéria do site G1 (2018), “Pesquisa mostra que três em cada dez brasileiros não sabem ler”⁴, explicita as dificuldades para conseguir trabalho:

No mundo das letras, o desafio pode estar nas tarefas mais simples: reconhecer para onde vai um ônibus ou as informações de uma loja. Ramon diz que, para ele, as palavras sempre foram embaralhadas. Frequentou escola até o ensino médio, mas hoje, com 22 anos, ainda precisa de ajuda na hora de tentar um emprego. "Uma vez eles me deram um monte de fichas, aí eu pedi ajuda para a menina do lado, e a mulher falou assim: ‘você não consegue preencher não?’ E eu falei: ‘Não, moça, eu sou meio devagar, entendeu?’ Para não ficar muito feio", conta o desempregado Ramon Oliveira da Costa (G1, 2018).

Em outro trecho da obra o narrador mostra as arbitrariedades e o abuso de poder a que estão sujeitas as pessoas iletradas, por não conhecerem seus direitos e não terem capacidade de expressão. O trecho discorre sobre o Soldado amarelo, que, na obra, era um representante

da lei e tratava Fabiano com indiferença e com crueldade por ele não ser alfabetizado. Não o considerava como um cidadão com direitos, tinha desprezo por ele, por ser iletrado e pobre. Segue o trecho:

— Como é, camarada? Vamos jogar um trinta e um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:
— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira. (Ramos, 2005, p. 12)

Após o jogo, o Soldado Amarelo teve uma briga com Fabiano, que saiu do bar sem criticá-lo, pois tinha medo dele, por ser uma representação da lei. O Soldado Amarelo, entretanto, foi atrás de Fabiano e o prendeu sem motivos. Por não conhecer seus direitos, pela sua incapacidade de expressão, Fabiano fica um tempo preso sem dever nada. Isso representa o abuso de autoridade e as atrocidades feitas às pessoas que não tiveram acesso à educação e estão às margens da sociedade letrada.

No Brasil e em muitos outros países, o analfabetismo funcional ainda é uma realidade preocupante. Embora haja uma expansão da escolarização e de programas voltados à alfabetização, muitas pessoas continuam a enfrentar desafios significativos no que diz respeito ao letramento. Como apontam os dados do Inaf (2018), ao final do ensino médio 13% dos jovens ainda se encontram em situação de analfabetismo funcional. O analfabetismo funcional se configura como uma barreira ao exercício pleno da cidadania, limitando a capacidade das pessoas de tomar decisões informadas, de participar da sociedade e melhorar suas condições de vida (Kleiman, 2001).

Assim como Fabiano de *Vidas Secas* enfrentou limitações devido à falta de letramento, muitas pessoas hoje em dia enfrentam obstáculos semelhantes em suas vidas diárias. O analfabetismo funcional continua sendo um desafio a ser enfrentado através de esforços educacionais e sociais para garantir que mais pessoas tenham acesso ao letramento e às oportunidades que ele oferece.

4 A jeito de conclusão: os letramentos a serviço da autonomia e da liberdade dos sujeitos

A educação é, como afirmava Paulo Freire (1987), um importante instrumento de libertação. Seu conceito de "educação problematizadora" incentivava os alunos a refletirem

criticamente sobre o mundo ao seu redor e a se tornarem sujeitos ativos na busca de conhecimento. Nesse contexto, os letramentos desempenham um papel crucial, pois são eles que capacitam as pessoas a compreenderem e interpretar o mundo de forma crítica. Ao adquirir habilidades de leitura, interpretação e produção de textos, os indivíduos se tornam capazes de questionar e desafiar estruturas de poder que podem restringir sua autonomia, tornam-se menos vulneráveis às injustiças e mais preparados para compreender e atuar no mundo que os cerca.

Como mostra a obra *Vidas Secas*, o analfabetismo anda de mãos dadas com a miséria. Nesse sentido, a obra retrata o passado e o presente de muitos brasileiros que, vivendo em situações adversas, veem tolhidos seus direitos, entre eles o à educação, ao ensino formal, que poderia auxiliar na busca por melhores oportunidades. Na época em que foi escrito o livro, a população era basicamente rural e o acesso à educação formal não era um privilégio de todos, sendo de caráter mais elitista. Nos dias atuais, o Brasil se configura como uma nação majoritariamente urbana, e o acesso à educação é um direito de todos – embora nem todos o exerçam, por motivos diversos. A pobreza persiste, e problemas como desemprego e falta de moradia tornam-se cada vez mais proeminentes (Scarlatto, 2019).

Sem dúvida, os baixos graus de letramento aumentam as filas do desemprego e do subemprego, ainda mais em tempos em que as tecnologias têm substituído a mão de obra em tantos ramos, e em que praticamente todas as atividades requerem, além da capacidade de leitura e de expressão (oral e escrita), noções básicas para operar instrumentos tecnológicos que circundam as práticas sociais mediando a comunicação ou auxiliando nos processos operacionais, como smartphones, máquinas de cartão de crédito, caixas eletrônicos, computadores/internet, GPS, só para citar alguns. Essas tecnologias exigem a compreensão de outros signos, como cores, formas, símbolos, requerendo graus mais avançados de letramentos. O acesso à informação nunca foi tão fácil, mas quantos sujeitos sabem efetivamente buscá-la? Quantos conseguem ler e compreender as notícias e as ideologias do mundo que os cerca? Quantos conseguiriam maior mobilidade social se tivessem mais desenvolvidas essas habilidades? Quantos poderiam se libertar de situações de opressão e injustiça se tivessem maiores possibilidades de escolha?

Nesse sentido, sendo a escola a agência de letramentos por excelência, é preciso que pensemos, com docentes, na direção que damos às nossas práticas em sala de aula. Sabemos que a situação que se configura é associada a problemas estruturais de nossa sociedade, assim como sabemos das condições precárias de muitos estabelecimentos de ensino e das condições enfrentadas pelos docentes, mas a pergunta é: o que fazemos com a realidade que se nos

apresenta? De que forma, mesmo diante das adversidades, podemos contribuir para desenvolver competências que permitam aos alunos melhor compreensão do mundo, melhor expressão, melhor capacidade de resolução de problemas, de ter um espaço no meio social, regendo com autonomia e dignidade sua vida?

Tomar conhecimento das limitações que a ausência dos letramentos acarreta e do nosso papel nesse cenário é essencial para, então, repensarmos nosso compromisso e nosso fazer docente. Em especial, como professores de língua materna, responsáveis pelo desenvolvimento de práticas de leitura/escuta, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica – como estabelece a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) –, as escolhas sobre o que vamos explorar em sala de aula e como vamos explorar precisam ser conscientes, levando em conta as contribuições que podemos dar, principalmente aos alunos que mais precisam e não têm, fora da escola, acesso a bens culturais, de modo que nossa atuação possa estar a serviço de letramentos de diferentes naturezas, ajudando os alunos a desenvolverem competências para modificar suas próprias realidades.

6 Referências

BARROS, Antônio Claudio da Silva. **A Literatura na tela grande**: obras de Rubem Fonseca adaptadas para o cinema. Dissertação (Mestrado em Letras), Brasília, Universidade de Brasília, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 03 nov. 2023.

CRESTANI, L. M.; CAYSER, E. R.; AMARANTE, L. M. do. Multiletramentos e objetos de conhecimento do ENEM: um olhar sobre as provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias. **Entretextos**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 27–49, 2018. DOI: 10.5433/1519-5392.2018v18n2p27. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/30537>. Acesso em: 1 nov. 2023.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. Disponível em:
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf Acesso em: 18 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21). Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf Acesso em: 20 out. 2023.

INAF. Indicador de Alfabetismo Funcional. 2018. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/metodologia/> Acesso em: 11 set. 2023.

KLEIMAN, A. Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica: a contribuição dos estudos do letramento. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 267-281, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/PVFgJks6BmRy7nVvfOpY9wN/> Acesso em: 20 out. 2023.

MARQUES, Elisabeth Cristina Alves. A importância do saber na construção do ser humano, abordada em “Vidas secas”, de Graciliano Ramos. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 40, 20 out. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/40/a-importancia-do-saber-na-construcao-do-ser-humano-abordada-em-rvidas-secasr-de-graciliano-ramos> Acesso em: 20 out. 2023.

Oliveira, N. F. de B., & Silva, D. da. (2019). A importância da alfabetização e do letramento. **Faculdade Sant’Ana Em Revista**, 3(2), p. 190-203. Recuperado de <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/567> Acesso em: 18 out. 2023.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. Documentos da pobreza, desigualdade ou exclusão social. In: EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. (Org). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

G1. Pesquisa mostra que três em cada dez brasileiros não sabem ler. 2018. Disponível: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/03/pesquisa-do-ibope-mostra-que-tres-em-cada-dez-brasileiros-nao-sabem-ler.ghtml> Acesso em: 18 out. 2023.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 97. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCARLATO, Francisco Capuano. População e urbanização brasileira. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches. (Org.) **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. 6 ed. 3 reimpr. 49 p. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHMITZ, Egidio. **Fundamentos da Didática**. 7. ed. São Leopoldo: Unisinos, 1993. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formao-docente> Acesso em: 20 out. 2023.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Jan /Fev /Mar /Abr 2004 No 25. Disponível em: [scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNwDHRkRrZk/?format=pdf](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNwDHRkRrZk/?format=pdf). Acesso em: 25 set. 2023.